

O CINEMA NO BANCO DOS RÉUS: ENSAIO SOBRE O DESPREZO DA BNCC PELA ARTE CINEMATOGRÁFICA

CINEMA IN THE DOCK: AN ESSAY ON THE BNCC'S DISREGARD FOR CINEMATOGRAPHIC ART

<https://doi.org/10.63330/aurumpub.028-027>

Antonio Ismael Lopes de Sousa

Doutorando em Linguística e Literatura, pela Universidade Federal do Norte do Tocantins-UFNT. Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade Focus-FF. Graduado em Letras (Português/Inglês e Literaturas) pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Atualmente é Assistente em Administração na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) / Centro de Ciências de Balsas-CCBL (MA)

E-mail: antonio.sousa@ufnt.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6550-3931>

RESUMO

Com o mote de analisar o tratamento dedicado ao cinema pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o presente estudo explora o modo como o referido documento (não) aborda a arte cinematográfica. Por meio de pesquisa documental e bibliográfica, procuramos problematizar os motivos pelos quais a BNCC sequer cita o cinema como uma arte digna de figurar em sala de aula, muito menos como uma potência formativa. Mais que isso, na tentativa de justificar um suposto protagonismo da literatura, o documento ainda promove uma rivalidade entre as mais diversas artes, incluindo o cinema, ampliando ainda mais a marginalização dessas outras artes (que não a literatura), já que as relega à condição de “gêneros artísticos substitutivos” e culpabiliza tais gêneros pelo fracasso da arte literária em âmbito escolar. Do lado avesso da equalização de tratamentos entre as artes, o emprego do cinema em sala de aula, de acordo com a BNCC, implica, pelo menos, duas circunstâncias: ou o texto literário assume o primeiro plano e conquista resultados positivos; ou os seus “substitutos”, cujas potencialidades foram ignoradas, atingem o pódio e aniquilam as chances de sucesso do opositor (a literatura). Desse modo, salvo quando o considera uma das alternativas de ameaça ao protagonismo literário, a BNCC trata o cinema apenas de modo tateante, ao passo que negligencia o papel dessa arte como possibilidade formativa, não passando de um mero “caudatório desse não-lugar”, conforme destaca Sousa (2017). Nesse contexto, a BNCC limita, de modo muito significativo, as potências mobilizadoras do cinema no âmbito educacional, reduzindo tanto as suas inequívocas possibilidades formativas, conforme abordado por Almeida (2014), quanto as possibilidades de aprimorar a criticidade e de ampliar as chances de maior fruição e gozo estético.

Palavras-chave: Cinema; Educação; BNCC; Marginalização.

ABSTRACT

With the aim of analyzing the treatment given to cinema by the Brazilian National Common Curriculum Base (BNCC), this study explores how the document (does not) address the art of filmmaking. Through documentary and bibliographic research, we seek to problematize the reasons why the BNCC does not even mention cinema as an art worthy of being included in the classroom, much less as a formative tool. Moreover, in an attempt to justify a supposed protagonism of literature, the document even promotes a rivalry between the various arts, including cinema, further marginalizing these other arts (other than literature), since it relegates them to the condition of "substitute artistic genres" and blames these genres



for the failure of literary art in schools. On the other hand, in contrast to the equal treatment of the arts, the use of cinema in the classroom, according to the BNCC, implies at least two circumstances: either the literary text takes center stage and achieves positive results; Or its “substitutes,” whose potential has been ignored, reach the podium and annihilate the chances of success of the opponent (literature). Thus, except when it considers it one of the alternatives threatening literary protagonism, the BNCC (Brazilian National Curriculum Base) treats cinema only tentatively, neglecting the role of this art as a formative possibility, making it nothing more than a mere “subordinate of this non-place,” as highlighted by Sousa (2017). In this context, the BNCC significantly limits the mobilizing potential of cinema in the educational field, reducing both its unequivocal formative possibilities, as discussed by Almeida (2014), and the possibilities of improving critical thinking and expanding the chances of greater aesthetic enjoyment and pleasure.

Keywords: Cinema; Education; BNCC; Marginalization.



1 INTRODUÇÃO

A escola é o espaço em que normalmente ocorre um processo de ensino e aprendizado envolvendo docentes e discentes, cujo objetivo principal é transmitir, compartilhar, adquirir, buscar ou despertar para conhecimentos sobre assuntos variados e/ou aprimorar desempenhos em habilidades cognitivas específicas, seja correlacionadas ao mundo do trabalho, a atitudes que potencializam uma melhor convivência em coletividade, o exercício da cidadania, seja para a autorrealização, melhor compreensão de si e do mundo, bem estar físico e mental ou aquisição de quaisquer outras experiências capazes de contribuir para o alcance de um fim desejado.

Paralelamente, a escola é também um espaço em que fatalmente ocorre uma convivência social (na relação de professores x alunos x e demais membros da escola), que concorre para a exposição e compartilhamento de relatos e experiências individuais e coletivas, fazendo surgir novos conhecimentos sobre outras formas de convivência, culturas e costumes. Nesse ponto, merece destaque, além do aparecimento de novas informações sobre a existência das diversidades até então latentes, o fato de que tais experiências podem despertar para a possibilidade de reconhecimento das situações e/ou condições que indicam que, para além dos muros das escolas e das próprias casas, há outras vidas e outras formas de vivências possíveis.

Sendo o espaço da escola (*stricto sensu*) uma representação fragmentada de uma realidade, é importante que nela sejam inseridos/acrescentados (*lato sensu*) tudo aquilo que possa representar outras realidades ou quaisquer outras informações que contribuam para ampliar o repertório artístico, cultural, social, político, econômico etc., dos envolvidos. Nesse contexto, destaco o uso do cinema na escola como recurso propiciador de novas experiências e uma ferramenta que, pelas vias da interdisciplinaridade e dadas as suas possibilidades como “itinerários de formação” (Almeida, 2014), pode confluir com o desempenho da tarefa docente, levantando inquietações, problematizando, questionando, desconstruindo, construindo, alterando, somando, subvertendo.

Nessa seara, o presente estudo explora o modo como a Base Nacional Comum Curricular (não) aborda a arte cinematográfica. Procuro problematizar, também, os motivos pelos quais a BNCC sequer cita o cinema como uma arte digna de figurar em sala de aula, muito menos como uma potência formativa. Mais que isso, na tentativa de justificar um suposto protagonismo da literatura, o documento ainda promove uma rivalidade entre as mais diversas artes, incluindo o cinema, ampliando ainda mais a marginalização dessas outras artes (que não a literatura), já que as relega à condição de “gêneros artísticos substitutivos” e culpabiliza tais gêneros pelo fracasso da arte literária em âmbito escolar.



2 A BNCC E A MARGINALIZAÇÃO DO CINEMA: BREVES APONTAMENTOS

Na educação brasileira, muitos esforços têm sido envidados em busca de melhorias da qualidade da educação, de modo que o ambiente escolar figure como um espaço com condições humanas dignas e mais propício ao aprendizado. Nesse caso, a ideia é pacificar o entendimento de que, devido as frequentes mudanças socioculturais e a dinâmica da globalização, é necessário que as pedagogias se tornem mais humanizadas e sincronizadas com as diversidades e o multiculturalismo.

Nessas circunstâncias, em um país fortemente marcado pelo multiculturalismo, uma das mais nobres funções que pode ser creditada à arte é exatamente a de dar visibilidade a essas variadas culturas existentes dentro ou fora de um país. Nesse aspecto, é importante ressaltar que os produtos artísticos e culturais, assim como as políticas e as práticas no âmbito educacional, influenciam e são influenciados, em maior ou menor grau, pelo contexto histórico, político, socioeconômico e cultural. Por isso, é importante que as tarefas com arte cinematográfica (e outras formas de arte) no âmbito educacional ensejem o distanciamento, a crítica e a problematização de práticas de reprodução de privilégios socioeconômicos, antidemocráticas e que concorrem para o aumento das desigualdades sociais, desvalorização da vida, intolerâncias e quaisquer outras que atentem contra a dignidade humana. A ênfase dessas atividades, por conseguinte, deve recair na “problemática do mundo”, de que fala Almeida (2014). Ainda que o cinema não tenha a pretensão de ser necessariamente um recurso feito para a escola, a escola tem à sua disposição os inesgotáveis recursos do cinema e, sempre que possível, pode (e deve) “ir ao cinema”, conforme bem lembram Teixeira e Lopes (org., 2014). Conforme explicam Teixeira e Lopes (org., 2014, p. 11),

não se trata de “escolarizar” o cinema ou de “didatizá-lo”. Não estamos e não queremos concebê-lo e restringi-lo a um instrumento ou recurso didático-escolar, tomindo-o como uma estratégia de inovação tecnológica na educação e no ensino. Isso seria reduzi-lo por demais. Ao contrário, por si só, porque permite a experiência estética, porque fecunda e expressa dimensões da sensibilidade, das múltiplas linguagens e inventividade humanas, o cinema é importante para a educação e para os educadores, por ele mesmo, independentemente de ser uma fonte de conhecimento e de servir como recurso didático-pedagógico como introdução a inovações na escola. Com isso não estamos dizendo que o cinema não ensina ou que não possa ser utilizado para tal. [...] A constatação da importância do cinema por si só, qual seja, a necessidade de “formar” a sensibilidade e as capacidades das crianças e jovens para melhor usufruírem e sentirem esta arte e outras, não desconhece nem desconsidera seu caráter pedagógico e até mesmo didático.

A concepção de cinema como arte de autonomia plena e desvinculada, reconhecendo-se as suas inúmeras possibilidades formativas, inclusive aquelas cuja nobreza se acentua ainda mais no âmbito educacional, que é de “exposição do mundo” e “problemática do mundo” (Almeida, 2014, p. 2), devolve a este recurso não somente sua condição de *ser o que é*, como também propicia uma possibilidade de fruição estética ainda mais densa da arte. De fato, há inúmeras possibilidades de leitura da arte cinematográfica, para além daquelas que reduzem o cinema à mera diversão e entretenimento.



De posse dessas informações, poder-se-ia pensar que o cinema ocuparia, nos documentos orientação educacional do Brasil, algum destaque. Mas não é isso que acontece. Se por um lado, o caráter prescritivo da BNCC, tende a contemplar, de modo estanque, determinados assuntos, por outro, tende a sentenciar ao esquecimento aqueles que não foram nela contemplados. O fato é que, ao tentar justificar a importância da arte literária, a BNCC promove uma rivalidade entre as mais diversas artes, quando alega que,

por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros **gêneros artísticos substitutivos**, como o **cinema** e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes (Brasil, 2017, p. 499, ênfase acrescentada).

Do lado avesso da equalização de tratamentos entre as artes, posto que fundamenta o insucesso da literatura como decorrência do protagonismo dos “gêneros artísticos substitutivos”, a aplicação da arte literária no âmbito educacional segundo a BNCC implica, pelo menos, duas circunstâncias: ou o texto literário assume o primeiro plano e conquista resultados positivos; ou os seus “substitutos”, cujas potencialidades foram ignoradas, atingem o pódio e aniquilam as chances de sucesso do opositor. Na BNCC, resta ao cinema (na parte dedicada ao Ensino Médio), o lugar do cinema é tido apenas como uma das alternativas de ameaça ao protagonismo literário, sendo tratado de modo tangencial, negligenciado, e relegado à condição de caudatório, como descrito por Sousa (2017).

No campo **artístico-literário**, buscam-se a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, vlogs e podcasts literários, culturais etc.) ou a **formas de apropriação** do texto literário, de **produções cinematográficas** e teatrais e de outras manifestações artísticas (remídias, paródias, estilizações, videominutos, fanfics etc.) **continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas** (Brasil, 2017, p. 503, ênfase acrescentada).

Sem fazer uma referência direta à arte cinematográfica, o documento aponta uma atividade envolvendo linguagens do cinema, da fotografia, da música, teatro etc., como forma de auxiliar práticas de “leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica”:

(EM13LP14) Analisar, a partir de referências contextuais, estéticas e culturais, **efeitos de sentido** decorrentes de escolhas e composição das imagens (enquadramento, ângulo/vetor, foco/profundidade de campo, iluminação, cor, linhas, formas etc.) e de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix, entre outros), das performances (movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço cênico), dos elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) e das relações desses elementos com o verbal levando em conta esses **efeitos nas produções de imagens e vídeos, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação** (Brasil, 2017, p. 508).



Em relação ao tratamento dedicado ao cinema na BNCC, Cezar Migliorin, Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE), demonstrou preocupação com o fato de que o documento excluiu “completamente o cinema como uma arte específica”. Segundo ele,

diversos componentes curriculares lançam mão de filmes de ficção, seriados, documentários para abordarem temas transversais e específicos de diferentes naturezas. O debate teórico que investigamos apontam para uma necessária vivência no âmbito escolar dos dispositivos cinematográficos desde a tenra idade seja para desenvolver a imaginação na Educação Infantil, na elaboração de cenários para o faz de conta, seja para a construção de identidade pessoal e cultural, seja pela singularidade da experiência sensível que o cinema possibilita [...] Como bem é lembrado na proposta de BNC, “a formação em Arte acontece em licenciaturas específicas (artes visuais, dança, teatro e música)”, pois, também em licenciaturas de cinema. Embora talvez se presuma que “artes visuais” inclua de algum modo ao cinema, ele tem uma especificidade na formação do professor [...] nos preocupa que no momento de construção de uma Base Curricular tão pouca atenção tenho sido dada ao cinema (Migliorin, 2016).

E se as “quatro páginas da BNCC” (Ipiranga, 2019) dedicadas à literatura já causam uma impressão de fiasco, a situação do cinema é indubitavelmente mais incômoda, justamente porque a arte cinematográfica sequer foi “convidada” ao desempenho de um papel de destaque no documento. Deixando os alunos das escolas (mais notadamente os da escola pública) às margens de artes como o cinema, a BNCC tanto contribui para minar as possibilidades de acessos, especialmente para aqueles pertencentes às classes mais desfavorecidas economicamente, como também reforça as segregações socioculturais e minimiza as possibilidades de compreender e fruir os recursos artísticos em mais profundidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com potência mobilizadora ilimitada, o cinema propicia a experiência do sensível própria das artes, como bem destaca Rancière (2009), agindo significativamente no inconsciente estético, ao passo que também figura como possibilidade formativa em âmbito educacional. Sob a ótica das possibilidades de formação, dentre os inúmeros benefícios, a arte cinematográfica solidariza-se nas tarefas pedagógicas, propondo e/ou problematizando novos mundos e, com uma ampla gama de signos e símbolos, despontam, em potencial, como possibilidade de formação, humanização, comunicação e sensibilização.

Mesmo diante dessas prerrogativas, salvo quando o considera uma das alternativas de ameaça ao protagonismo literário, a BNCC trata o cinema apenas de modo tateante, ao passo que negligencia o papel dessa arte como possibilidade formativa, não passando de um mero “caudatório desse não-lugar”, conforme destaca Sousa (2017). Assim, a BNCC limita, de modo muito significativo, as potências mobilizadoras do cinema no âmbito educacional, reduzindo tanto as suas inequívocas possibilidades formativas, conforme abordado por Almeida (2014), quanto as possibilidades de aprimorar a criticidade e de ampliar as chances de maior fruição e gozo estético.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, e153836, 2017.

ALMEIDA, Rogério de. Possibilidades formativas do cinema. *Revista Rebeca*, São Paulo, v. 6, jul./dez. 2014a.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/Consed/Undime, 2018.

IPIRANGA, Sarah. O PAPEL DA LITERATURA NA BNCC: ENSINO, LEITOR, LEITURA E ESCOLA. *Revista de Letras*, v. 1, n. 38, p. 106-114, 3 jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.36517/revletras.38.1.9>.

MIGLIORIN, Cezar. SOCINE. *SOCINE SE POSICIONA SOBRE A INCLUSÃO DO CINEMA E AUDIOVISUAL NA BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM*. Disponível em: <https://www.socine.org/2016/03/socine-se-posiciona-sobre-a-inclusao-do-cinema-e-audiovisual-na-base-nacional-curricular-comum/>, acesso: 3 mai. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2009.

SOUSA, Daniel Marcolino Claudino de. *O cinema na escola*: aspectos para uma (des)educação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José Miguel (org.). *A escola vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.